

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA E ISOLAMENTO: PROPOSTAS E PRÁTICAS



Karina de Araújo Dias
(Organizadora)



EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA E ISOLAMENTO: PROPOSTAS E PRÁTICAS



Karina de Araújo Dias
(Organizadora)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^a Dr^a Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^a Dr^a Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^a Dr^a Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^a Dr^a Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abráao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará

Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe

Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná

Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz

Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa

Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo

Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação em tempos de pandemia e isolamento: propostas e práticas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Karina de Araújo Dias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação em tempos de pandemia e isolamento: propostas e práticas / Organizadora Karina de Araújo Dias. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-716-1
DOI 10.22533/at.ed.161210801

1. Educação. 2. Pandemia. 3. Isolamento. I. Dias, Karina de Araújo (Organizadora). II. Título.
CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A coletânea de trabalhos intitulada, “Educação em Tempos de Pandemia e Isolamento: Propostas e Práticas” vêm consolidar a relevância da reflexão sobre as práticas pedagógicas e proposituras em torno da educação no contexto da pandemia da COVID – 19. Em razão das medidas de isolamento social, como uma das estratégias para minimizar o contágio e que culminaram com o fechamento das instituições de ensino, os processos educativos sofreram transformações de cunho metodológico e logístico de modo a atender as novas demandas do ensino não presencial. Nesse sentido, as aulas remotas, o ensino híbrido, a educação a distância, o uso das plataformas digitais e demais ferramentas tecnológicas tomaram à frente, traduzindo novos modos de ensinar e aprender.

Nesse volume, composto por três eixos e totalizando dezesseis artigos, é possível observar a capilaridade com que investigações com esse teor se materializam em variados âmbitos e abordagens teórico-metodológicas.

O primeiro eixo *O LUGAR DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19* apresenta experiências de educação a distância como alternativas aos desafios atribuídos pelo isolamento social.

Em sequência, o eixo *OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL* identifica vivências pedagógicas que colocam em tela o ensino remoto e híbrido em distintas etapas da escolarização e os desafios que essa estratégia impõe aos educadores.

Por fim, o terceiro eixo intitulado *OS EFEITOS DO CONTEXTO PANDÊMICO NAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS* exhibe resultados de estudos que têm, como eixo comum, a reflexão sobre as novas demandas educacionais produzidas pela pandemia da COVID-19.

Os trabalhos que contemplam essa discussão contribuem para repensar a educação e o seu grande valor, bem como as distintas estratégias formuladas pelos educadores, em termos de propostas e práticas, de modo a promover percursos formativos inovadores, incorporando as novas tecnologias como forma de estreitar as distâncias impostas pelo isolamento social.

Cabe destacar a qualidade e a abrangência das temáticas eleitas pelos pesquisadores que compõe essa coletânea.

Desejo que apreciem a leitura.

Karina de Araújo Dias

SUMÁRIO

I. O LUGAR DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

CAPÍTULO 1..... 1

A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E O PROTAGONISMO NA RELAÇÃO ENSINO E APRENDIZAGEM A PARTIR DA REALIDADE DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CUIABÁ-MT

Bernadeth Luiza da Silva e Lima

Silvia Maria dos Santos Stering

DOI 10.22533/at.ed.1612108011

CAPÍTULO 2..... 15

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA COMO FERRAMENTA DE APERFEIÇOAMENTO DE PROFESSORES E ALAVANCAGEM PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Jailza do Nascimento Tomaz Andrade

Michele Lins Aracaty e Silva

DOI 10.22533/at.ed.1612108012

CAPÍTULO 3..... 29

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA ERA COVID-19: POSSIBILIDADES, LIMITAÇÕES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS. PROCESSOS PEDAGÓGICOS EM TEMPOS DE PANDEMIA ESCOLA DA UNIDADE DE INTERNAÇÃO DO RECANTO DAS EMAS – UNIRE – DF

Claudia Candida de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.1612108013

CAPÍTULO 4..... 47

EDUCAÇÃO EM MEIO A PANDEMIA

Ivaldo Fernandes de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.1612108014

CAPÍTULO 5..... 53

FÍSICA E CULTURA CIENTÍFICA MODERNA E CONTEMPORÂNEA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM MEIO À PANDEMIA CAUSADA PELO CORONAVÍRUS

Alencar Migliavacca

Alison Vortmann dos Santos

Camila Gasparin

Wiliam Patrick Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.1612108015

CAPÍTULO 6..... 62

(RE)PENSAR A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Ana Margarida Alves Ferreira

Ana Raquel Rodrigues da Costa Aguiar

Joana Maria Guimarães de Oliveira

Maria de Fátima Pereira Sousa Lima Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.1612108016

CAPÍTULO 7..... 74

**A PRODUÇÃO DE DIÁRIOS DE CAMPO EM UM CURSO TÉCNICO AGROPECUÁRIO:
UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DO ISD**

Valdeni Venceslau Bevenuto

DOI 10.22533/at.ed.1612108017

II. OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

CAPÍTULO 8..... 90

**EDUCAÇÃO INFANTIL E AULAS REMOTAS: DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR NA
PANDEMIA**

Camila Incau

Elaine Cristina Ferreira de Oliveira

Sirlei Aparecida dos Santos

Sandra Mara Rogeri Jacomin

DOI 10.22533/at.ed.1612108018

CAPÍTULO 9..... 99

**A INCLUSÃO DO EDUCANDO AUTISTA EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO: UTOPIA
OU REALIDADE?**

Maria José Gontijo Borges

Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.1612108019

CAPÍTULO 10..... 111

**ESCOLA PÚBLICA E OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EM CONTEXTO DE
PANDEMIA: DESVELANDO DIFICULDADES DA COMUNIDADE ESCOLAR**

Regina Zanella Penteadó

Eduardo Alessandro Soares

Paulo Sergio da Silva Neris

DOI 10.22533/at.ed.16121080110

CAPÍTULO 11 122

USO REMOTO DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR E ACADÊMICA

Rafael de Jesus Pinheiro Privado

Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo

DOI 10.22533/at.ed.16121080111

CAPÍTULO 12..... 134

**MONITORIA REMOTA DE AUDIOLOGIA DURANTE O DISTANCIAMENTO SOCIAL
PARA CONTROLE DA PANDEMIA DE COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Rebeca Mota Cabral e Silva

Carla Aparecida de Vasconcelos

Luciana Macedo de Resende

Patrícia Cotta Mancini

III. OS EFEITOS DO CONTEXTO PANDÊMICO NAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS

CAPÍTULO 13..... 141

PRÁXIS PEDAGÓGICA E CIBERFORMAÇÃO DOCENTE EM TEMPO DE COVID-19:
PERSPECTIVAS E DESDOBRAMENTOS PEDAGÓGICO-CIENTÍFICOS

Úrsula Cunha Anecleto
Ediluzia Pastor da Silva
Luciana Oliveira Lago

DOI 10.22533/at.ed.16121080113

CAPÍTULO 14..... 156

OS EFEITOS DO DISTANCIAMENTO SOCIAL EM CONTEXTO DE PANDEMIA
(COVID-19) NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA EM PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO: UMA VISÃO VYGOTSKYANA

Rita Celiane Alves Feitosa
Sandra Alexandre dos Santos
Veronica Nogueira do Nascimento
Janete de Souza Bezerra
Gécica Coelho do Nascimento Oliveira
Micaele Rodrigues Feitosa Melo
Gracione Batista Carneiro Almeida
Maria Daiane de Oliveira Lima

DOI 10.22533/at.ed.16121080114

CAPÍTULO 15..... 166

O COVID 19 NAS REDES SOCIAIS: ANÁLISE DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA SOBRE
VÍRUS NUMA PERSPECTIVA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, SOCIEDADE E AMBIENTE
(CTSA) A PARTIR DO CONTEXTO PANDÊMICO

Camila Oliveira Lourenço
Antonio Fernandes Nascimento Junior

DOI 10.22533/at.ed.16121080115

CAPÍTULO 16..... 174

A GESTÃO ESCOLAR EM CONFRONTO COM A MORTE E O LUTO EM TEMPOS DE
CORONAVÍRUS

Gleucimar Romana Faria
Francisco Assis de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.16121080116

SOBRE A ORGANIZADORA..... 185

ÍNDICE REMISSIVO..... 186

CAPÍTULO 16

A GESTÃO ESCOLAR EM CONFRONTO COM A MORTE E O LUTO EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS

Data de aceite: 04/01/2021

Gleucimar Romana Faria

Universidade Vale do Rio Verde
Córrego Fundo - Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/3889871895247272>

Francisco Assis de Carvalho

Universidade Vale do Rio Verde
Três Corações - Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/0703011659490494>

RESUMO: A morte consiste em um conceito relativo e complexo, um processo que passa por diferentes configurações, de acordo com a cultura e com momento de vida de indivíduos. Para a criança, a compreensão da morte é um processo que representa um desafio intelectual e afetivo. Neste processo, cada criança irá, inicialmente, perceber a morte como ausência do outro, após, acrescentará o aspecto da irreversibilidade dessa ausência, para, em um momento posterior, agregar a noção da universalidade da morte, ou seja, compreender que ela também morrerá. O presente estudo tem como objetivo demonstrar a importância do tema morte e luto na escola, evidenciando o momento atual gerando perdas de entes queridos causadas pela pandemia do coronavírus/ COVID 19, visando oferecer subsídios aos profissionais da educação/gestores na lida dessas situações nos ambientes escolares. Esta pesquisa de base bibliográfica baseou-se em teorias e pensamento de diversos autores Alves, Ariès, Chiavenato, Fronza, Sartori e outros que versam sobre o tema. O fato de não

ter uma disciplina que aborde o luto na escola e que oriente de forma natural e objetiva sobre a morte e as reações do ser humano perante esta realidade em momento de pandemia mundial, contribui para uma total falta de habilidades, falta de coerência, desinformação e concepção do que está acontecendo naquele momento na vida da criança enlutada, dificultando o processo de luto e aceitação da morte que é fato inerente à vida humana. Dessa forma, considera-se a necessidade de se falar acerca de sentimentos e emoções gerados pela perda e principalmente situações que envolvem a morte e luto com as crianças vislumbrando, portanto amenizar o sofrimento de quem está diretamente envolvido.

PALAVRAS - CHAVE: Morte. Luto. Escola. Gestão. COVID 19.

SCHOOL MANAGEMENT IN CONFRONT WITH DEATH AND GRIEVING IN CORONAVIRUS TIMES

ABSTRACT: Death is a phenomenon that is part of life and consists of a relative and complex concept, according to each culture, each person and each moment of each person's life. For the child, understanding death is a process that represents an intellectual and emotional challenge. In this process, each child will initially perceive death as the absence of the other, then, it will add the aspect of irreversibility of that absence, to, at a later time, add the notion of the universality of death, that is, understand that it will die. This study aims to show the importance and reality of the topic of death and grief in school, which is emphasized in the current moment of the

pandemic and the coronavirus crisis. In order to offer subsidies to managers in dealing with these situations in school environments. Through the bibliographic review, the research was built, based on works by different authors who talk about the proposed theme. The fact that there is no discipline that deals with mourning at school and that speaks openly about the subject of death and the reactions of the human being towards it, contributes to a total lack of knowledge and conception of what is happening at that moment in the life of the bereaved child. , hindering the healthy and natural healing process. Thus, it is considered the need to talk about feelings and emotions, especially situations that involve the situation of death and grief with children.

KEYWORDS:Death, mourning, school, pandemic, management.

1 | INTRODUÇÃO

Em cada história e durante seu tempo de vida o ser humano passa por diversos tipos de perdas, sejam elas por morte ou não, físicas ou não, podendo ser chegadas, partidas, transição entre fases de crescimento, mudanças no corpo, na mente e até a morte propriamente dita; ou seja, faz parte da rotina humana lidar com perdas e mudanças. Em tempos atuais, com a pandemia do novo coronavírus - o COVID 19, a morte é tratada de forma escancarada pelas mídias sociais e os processos de sepultamento e despedidas estão cada vez mais solitários. Despedir-se é um processo essencial do luto e tem gerado privações de familiares. Entretanto, para as crianças, essa situação merece cuidados específicos e de modo geral não é retratada nos ambientes escolares com naturalidade.

Do ponto de vista pedagógico, não é contemplado o tema morte/luto no currículo escolar das crianças. Vários estudiosos do tema defendem a inclusão do mesmo nas escolas, uma vez que os conteúdos ali vivenciados serão levados e associados a todas as etapas da vida do indivíduo, criando vínculos com ambientes de interação e com a religiosidade da criança.

A morte consiste em um conceito relativo e complexo, um processo que passa por diferentes configurações, de acordo com a cultura e com momento de vida de indivíduos. Para a criança a compreensão da morte é um processo que representa um desafio intelectual e afetivo. Neste processo, cada criança irá, inicialmente, perceber a morte como ausência do outro para, em seguida, acrescentar o aspecto da irreversibilidade dessa ausência e em um momento posterior, agregar a noção da universalidade da morte, ou seja, compreender que ela morrerá (FRONZA *et al.*, 2015).

Diante do exposto, verificando-se a necessidade de trabalhar o luto na escola e diante da situação e urgência delineada pela pandemia da COVID 19, percebe-se certa inquietação e argumentação em torno da atuação dos profissionais gerando os seguintes questionamentos: Como os profissionais da educação/gestores lidarão com a morte e o luto em tempos de pandemia causada pelo COVID 19? Esta situação-problema norteou o estudo que mostra a relação e atuação da gestão escolar com a morte e o luto, em tempos de pandemia e os benefícios e consequências dessa relação em prol do acolhimento

do aluno enlutado. Este estudo de base bibliográfica tem como objetivo demonstrar a importância do tema morte e luto na escola, evidenciando o momento atual gerando perdas de entes queridos causadas pela pandemia do coronavírus/ COVID 19, visando oferecer subsídios aos profissionais /gestores na lida dessas situações nos ambientes escolares.

21 REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA DA MORTE

Considerando a representação histórica da morte, a humanidade, em todas as épocas, viu-se cara a cara com a morte e se intensificou com a atual pandemia mundial. A representação da morte e a maneira como o homem tem se defrontado com ela sofreu grandes mudanças ao longo do tempo. Os rituais, a aceitação e as cerimônias de luto acontecem de formas distintas, em conformidade com a cultura local.

A morte se caracterizava pela insegurança, pelo medo do desconhecido, pois os que já se foram não dispuseram relatos àqueles que ficaram. As mais variadas culturas já tentaram explicar a morte, buscando prováveis respostas nas religiões, filosofia, mito e na arte, a fim de amenizar suas possíveis inquietações.

Segundo Philippe Ariès (2001), na primeira Idade Média a morte era considerada comum, ou seja, o morrer era um fato recorrente da época, devido a expectativa de vida muito baixa. Era comum que familiares e amigos não fizessem grandes manifestações de luto. “Tão logo se constatava a morte, interrompiam em torno às cenas mais violentas de desespero” (ARIÈS, 2001). Era comum que fossem enterrados dentro e fora de igrejas, conforme sua condição social.

Na segunda Idade Média houve grandes mudanças na concepção de morte. No Ocidente a partir do século XII, após a morte cabia à Igreja direcionar o enterro, interceder a entrada da alma ao paraíso. Assim a morte não era mais algo natural e sim uma provação.

Ao final do século XVII os indivíduos já estavam habituados com os mortos pois entendiam que assim era a lei da natureza. Já no século XVIII, a concepção de morte perante o homem se altera novamente, de maneira que ela passa a ser romantizada e o homem passa a ter consciência da morte como um processo natural, constatando, assim a interrupção da vida e sua transcendência a outro mundo. A partir de então, os enterros passaram a deixar de acontecer nas igrejas e se deslocaram para os cemitérios.

Ao findar-se a Idade Média, a morte começa a ter forte carga emocional, é vista como a interrupção da vida cotidiana, deixa de ser familiar e passa a não ser mais aceita pelo homem.

Entretanto a partir do século XIX a morte passa a incomodar, o luto ocorre de forma exagerada que vem acompanhada da não aceitação pelos sobreviventes, por sua vez não foi alterada a familiaridade com a morte e os mortos. “A morte torna-se um acontecimento pleno de consequências; convinha pensar nela mais aturadamente. Mas ela não se tornara assustadora nem angustiante. Continuava familiar, domesticada” (ARIÈS, 1989).

Em meados do século XIX a morte passa a ser vergonhosa, a partir de então ela é omitida para aquele que vai morrer. Ela deixa de acontecer no domicílio e Chiavenato (1998) aponta que com a urbanização e industrialização a morte passa a acontecer no hospital, longe da família. O velório também deixa de ser realizado em casa, pois cada vez a presença do morto é menos tolerada.

Os rituais tornam-se cada vez mais discretos, visto que a morte passa a ser tabu. As cerimônias tornam-se cada vez contidas, as emoções sendo minimizadas com condolências breves a fim de preservar-se de grandes emoções, conforme se verifica:

As expressões sociais, como o desfile de pêsames, as “cartas de condolências” e o trajar luto, por exemplo, desapareceram da cultura urbana. Cada espécie anuncia seu próprio sofrimento, ou mesmo demonstra estar sentindo-o. A sociedade exige do indivíduo enlutado um autocontrole de suas emoções, a fim de não perturbar as outras pessoas com coisas tão desagradáveis. O luto é mais e mais um assunto privado, tolerado apenas na intimidade, às escondidas, de uma forma análoga à masturbação. O luto associa-se à ideia de doença. O pratear equivale às excreções de um vírus contagioso. O enlutado deve doravante ficar isolado, em quarentena (MARANHÃO, 1986, p. 18-19).

Existem conceitos que indicam que a negação da morte é uma adversidade da atual sociedade, que se individualiza, na qual a dor da perda tende a ser maior que na sociedade que vive de maneira coletiva, nas quais se propicia a dissolução da dor na coletividade (SANTOS, 2000; VILAR, 2000).

Percebe-se que o luto não vivido de um ente querido, ainda mais quando se trata de morte prematura ou violenta, exacerba o trauma. Por conseguinte, salienta-se que a tentativa de “fuga” ao vivenciar o acontecido o impede que crie meios de enfrentar o inevitável.

Neste contexto,

Certamente, se a morte foi interdita, o luto daqueles que perderam entes queridos também foi. A pessoa enlutada deve agir como se nada houvesse acontecido, para não perturbar a vida social nem interrompê-la com sua tristeza. A sociedade espera que o enlutado continue vivendo como antes e, a ele, só resta o choro solitário (SARTORI, 2018, p.20).

A morte tornou-se um tabu, no século XX e início do século XXI e assim. tentamos fugir, a fim de torná-la imaginária. Observa-se no atual cenário mundial a morte e o luto, estão ainda mais escancarados pela mídia, que, com os meios de comunicação em massa, tendem a falar desses acontecimentos de maneira banalizada sem dar a devida atenção/importância que o tema requer, que ainda é restrito. Tratando do assunto com familiaridade, bombardeiam notícias de mortes, sem dar devida atenção aos casos.

A repentina mudança dos sepultamentos, nesse período de pandemia, devido ao receio do contágio, os familiares e amigos não podem despedir-se do seu ente querido,

privando-as da despedida e do luto, forçando-as a passar por aquele processo isoladas reclusas em suas residências, sem contato social, sem o auxílio psicológico necessário. Essas mudanças repentinas e a não permissão do ato de “despedida” tendem a afetar o processo de luto.

3 | O PROCESSO DE LUTO E SEUS ESTÁGIOS

O luto caracteriza-se pelas emoções quando se perde um ente querido, ou seja, o distanciamento das relações é causado pela morte. Essa ruptura estabelece reações de sofrimento, segundo John Bowlby (2004) quanto maior o apego, maior o sofrimento do luto. Conforme o viés cultural adotado por cada povo, deve-se observar as variações nas expressões do luto, por meio de suas vestimentas e costumes adotados.

Conforme Corlin Murray Parkes (1998) as reações frente ao luto variam de um indivíduo para o outro. O processo de luto divide-se em quatro estágios, segundo Bowlby (2004) e Parkes (1998), embora esses estágios se diferenciem de pessoa para pessoa, em grau e intensidade, há fases que podem ser comuns. O primeiro estágio inicia-se pela negação, momento de grande confusão, não sabendo agir diante da situação. O segundo estágio configura-se pela busca da pessoa perdida, o choro e a raiva geram frustração pela perda. No terceiro estágio, a dor profunda ou desespero caracteriza-se por uma fase intensa de dor, momentos raiva e concretização da perda. No quarto estágio a reorganização, o processo de reorganizar a vida. O luto torna-se um processo que ao longo da vida não será concluído, podendo retornar a qualquer momento, por meio das lembranças, datas e objetos.

Segundo Elizabeth Kubler (2005), existem 5 estágios de reação à morte. No primeiro estágio de luto, a negação e o isolamento servem como um mecanismo de defesa temporário, um para-choque que alivia o impacto da notícia, uma recusa a confrontar-se com a situação. Ocorre em quem é informado abruptamente a respeito da morte; embora considerado o primeiro estágio, pode aparecer em outros momentos.

A raiva, segundo estágio, é o momento em que as pessoas externalizam a revolta sentida, gerando certa agressividade. Há também a procura de culpados e questionamentos, tal como: “Por que ele?”, com o intuito de aliviar o imenso sofrimento e revolta pela perda (KUBLER, 2005).

Já a barganha, percebida no terceiro estágio de reação à perda, é uma tentativa de negociar ou adiar os temores diante da situação; as pessoas buscam firmar acordos com figuras que segundo suas crenças teriam poder de intervenção sobre a situação de perda. Geralmente esses acordos e promessas são direcionados a Deus e mesmo aos profissionais de saúde que a acompanham (KUBLER, 2005).

A depressão que configura o quarto estágio é dividida em preparatória e reativa. A depressão reativa ocorre quando surgem outras perdas devido à perda por morte, por

exemplo, a perda de um emprego e, conseqüentemente, um prejuízo financeiro, como também a perda de papéis do âmbito familiar. Já a depressão preparatória é o momento em que a aceitação está mais próxima, é quando as pessoas ficam quietas, repensando e processando o que a vida fez com elas e o que elas fizeram da vida delas (KUBLER, 2005).

Por fim, o último estágio de reação à perda é o de aceitação. Quando se chega a esse estágio, as pessoas encontram-se mais serenas frente ao fato de morrer. É o momento em que conseguem expressar de forma mais clara sentimentos, emoções, frustrações e dificuldades que as circundam. Quanto mais negarem, mais dificilmente chegarão a este último estágio. Cabe ressaltar que, esses estágios não são um roteiro a ser seguido e que podem sofrer alterações de acordo com cada perspectiva pessoal (KUBLER, 2005).

As centenas de mortes causadas pelo novo coronavírus, provocam sentimentos distintos modificando o processo de luto. Observa-se nos noticiários números alarmantes levando ao luto global. Assim, muitas pessoas em isolamento social, tendem a passar pelo processo de elaboração da perda sozinhas, com o rompimento de vínculos que aconteceram de maneira abrupta englobam crianças, adolescentes, adultos e idosos.

4 | MORTE E LUTO EM TEMPOS DE PANDEMIA CAUSADA PELO COVID 19

A abordagem da morte e luto nas escolas tem grande relevância na atualidade, pois segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no Brasil acontecem cerca de 3500 mortes por dia. Número que aumentou de maneira significativa com a pandemia., conforme noticiários só no Brasil já ultrapassam as 100.000 mil mortes, levando inúmeras pessoas a imergirem no processo de luto. A criança desde muito cedo encara a morte como um tabu, os adultos tentam a todo instante privá-la do sofrimento.

As crianças, no momento atual de pandemia causado pelo COVID 19, foram afetadas diretamente sofreram mudanças na sua rotina a princípio na escola, que passou a fazer o seu papel de maneira remota. As aulas e atividades passaram a ser feitas em casa, com o auxílio dos pais e professores *on-line*. Contudo, além da mudança escolar estão vivenciando o isolamento social, observando o crescente número de mortes em todo mundo e a perda de pessoas próximas. A escola, os gestores e demais profissionais não podem mais se abster do assunto, morte, e de como lidar com essa situação, afinal, esse aluno ainda faz parte do meio escolar, e após esse período complicado voltará para a escola.

O assunto está cada vez mais em evidência e o luto/morte/perda ganhou nova roupagem agora atingindo às pessoas de maneira coletiva, ainda assim o sofrimento tornou-se ainda mais individual. Contudo, o sentimento de luto reprimido pode causar graves problemas no desenvolvimento infantil, não só se referindo à perda de pessoas gerando o luto, mas também vivenciam outras perdas oriundas do distanciamento dos colegas, privação de tarefas rotineiras, atividades esportivas, lazer, ir à escola e outras

privações/perdas que vieram com o distanciamento social obrigatório e necessário para preservação da vida.

5 | OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO/GESTORES DIANTE DE PERDAS, MORTE, LUTO NA ESCOLA

O tema da morte permanece um tabu em muitas instituições/escolas. Muitos educadores têm dificuldades para abordar o assunto, mesmo quando a morte invade o espaço escolar. A referência bibliográfica sobre a questão da morte, escola e educadores é escassa, indicando a importância de discussão sobre o tema (ALVES, 2016).

Dessa forma, considerando a criança no processo de aprendizagem, até os cinco anos de idade, a criança percebe a morte como temporária e gradual, podendo ainda considerá-la reversível. Entre cinco e nove anos, a morte é percebida como algo ou alguém que vem buscar a pessoa, podendo ser sentida como um fenômeno irreversível, mas não necessariamente universal. Só entre nove e dez anos é que a criança compreende a morte como universal, sendo percebida como um processo de cessação das atividades que ocorrem no corpo (FRONZA *et al.*, 2015).

É necessário que ocorra dentro do ambiente escolar um processo visando à busca da compreensão das emoções que a criança está vivenciando. As fantasias refletem o processo de elaboração do luto da criança em decorrência da morte e seu conhecimento possibilita a compreensão de seus sentimentos, comportamentos e sintomas. A partir da apreensão de suas fantasias e de seu processo de enlutamento, é possível auxiliá-la a compreender o que vivencia, contribuindo para seu processo de elaboração da perda (FRANCO; MAZORRA, 2007).

Quanto à forma de se comunicar com as crianças é necessário clareza e sinceridade ao falar e expressar sentimentos e informações. As crianças pequenas podem ficar confusas ao tentarem entender a morte, se os adultos usarem um pensamento e uma linguagem ambígua. Assim, numa ocasião de morte, a linguagem figurada, eufemismos como “foi para o céu”, “viajou”, “dormiu”, “virou uma estrela”, podem ser tomados de forma literal e a criança pode pedir para “viajar junto”, “ir para o céu também” ou ao perceber que não se volta desta viagem e não se acorda deste sono, não querer que seus pais possam dormir ou viajar (ALVES, 2007).

É importante compreender a criança, suas angústias o modo de se defender delas, a fase de seu processo de desenvolvimento, são fatores essenciais para a docência. Abordar esta temática vai depender do entendimento que o professor possui do processo de elaboração do luto. A morte abala alunos, funcionários da escola e professores, pelos vínculos afetivos que mantêm e, assim, vê-los sofrer é dolorido. Os professores, ao perderem alunos ou pais de alunos, sofrem duplamente, pois percebem intimamente que a morte pode atingi-los (FRONZA *et al.*, 2015).

Segundo Aquino *et al.* (2014), a perda de pessoas próximas remete a criança à própria morte e dos seus e pode trazer problemas escolares, sintomas físicos e psíquicos, ansiedade e baixa autoestima. Falar sobre as perdas auxilia no enfrentamento dos medos que podem surgir; porém, familiares, educadores e profissionais geralmente têm dificuldades em abordar o tema. É necessário estar disponível, observá-la em seu estágio de desenvolvimento, compartilhar sentimentos e esclarecer dúvidas.

Diante desse contexto, quando os pais ou professores outorgam à criança o direito de pensar e falar, permitem, então, um modelo saudável para a aprendizagem. Assim, quando uma criança da escola vive a perda significativa de alguém, é comum que os colegas de classe se envolvam também, em função do fenômeno descrito. Estes acabam identificando-se com o colega e padecem um pouco da situação pela qual o outro está passando. Compreender o que está acontecendo com a classe e com a criança enlutada serão ferramentas necessárias, para auxiliar o professor a lidar com a dinâmica da sala (WOTTRICH *et al.*, 2009).

Sendo assim, a escola, por ser o local onde crianças e adolescentes passam boa parte de seus dias, é o ambiente em que as mesmas irão manifestar suas angústias, dúvidas, temores, mesmo restritas. É comum, por ocasião de uma perda, que as crianças passem a apresentar decréscimo nas notas, problemas de comportamento, desinteresse, inércia. Estas implicações do luto no processo de ensino-aprendizagem justificam a importância da sensibilização das instituições educacionais para esta questão (FRONZA *et al.*, 2015).

Aquino *et al.* (2014) alerta que a escola deve estar atenta para não ignorar o aluno que está em luto de morte, fingindo nada ter acontecido. Deve-se deixar aberto um canal de comunicação, respeitando as diferentes manifestações infantis sobre o assunto, pois a criança, talvez fique aparentemente bem nos primeiros dias, mas logo poderá apresentar tristeza. O seu rendimento na aprendizagem tenderá a cair e a escola deverá dirigir o olhar para tais reações.

Wottrich *et al.* (2009, p. 2) consideram essencial num processo educativo que o professor possa “compreender a criança, suas angústias, seu modo de se defender, a fase de seu processo de desenvolvimento”, e isto está relacionado ao seu entendimento do processo de elaboração do luto. A negação social da morte é refletida nas instituições educacionais, onde profissionais encontram dificuldades para se lidar com o tema com naturalidade. No processo em que a escola pública se tornou laica, além da religião oficial foram também retiradas das escolas abordagens que tratam da dimensão espiritual do indivíduo. Assim, o tema que envolve perda, morte e luto remete a aspectos subjetivos do ser humano, tende a ser sistematicamente evitado.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou demonstrar a importância do tema que envolve morte e luto

na escola, evidenciando o momento atual gerando perdas de entes queridos causadas pela pandemia do coronavírus/COVID 19, visando oferecer subsídios aos profissionais da educação/gestores na lida dessas situações nos ambientes escolares.

Constatou-se um silenciamento em torno do assunto luto na escola, que priva as crianças que vivenciam esta situação de receber apoio e incentivo necessário para superação da perda de entes queridos. A sociedade nega sistematicamente e isso gera momentos dolorosos reprimindo as expressões de dor diante da morte o que dificulta o processo de aceitação do luto sadio, gerando uma série de consequências psíquicas negativas. Esta constatação tem gerado preocupações, especificamente no momento atual em que a humanidade vivencia a pandemia gerada pelo COVID 19.

É importante criar tempo e espaço adequados para que se possa vivenciar o luto, expressar o sofrimento e elaborar e aceitar a perda. Tal relevância se justifica devido à pandemia que assola o país e o mundo que na atualidade nota-se não haver uma abordagem da forma correta e com a atenção necessária no ambiente escolar, momento que traz como consequência tantas mortes/perdas.

O fato de não ter uma disciplina que aborde o luto na escola e que fale abertamente sobre o assunto e as reações do ser humano perante a perda, contribui para uma total desinformação e concepção do que está acontecendo naquele momento na vida da criança enlutada, dificultando o processo de cura saudável e natural. Notou-se a existência de uma limitação por parte dos educadores ao ter que se abordar esse tema com as crianças, seja por não ter habilidades para falar ou até mesmo encontrar as palavras que representem consolo, maturidade e aceitação da morte sendo esta um processo natural da vida terrena. A morte é vista como um tabu pela sociedade, principalmente no que diz respeito às crianças. Diante do exposto, estudos referentes ao tema podem contribuir para a exclusão do estigma sobre morte e luto na escola e para a implantação de uma possibilidade mais abrangente, necessária e coerente de encarar o tema com naturalidade no âmbito escolar.

A escola exerce um papel de relevante nesse sentido, considerando que a criança possui um vínculo fortalecido com seu ambiente escolar, portanto, os profissionais da educação podem e devem contribuir para amenizar a dor da perda, a ausência do ente querido e sobretudo entender que a morte é a resposta antitética da vida e um processo natural que faz parte da vida humana.

Ressalta-se ainda a importância e necessidade de fazer referência à perda/luto de forma adequada para que a criança enlutada possa sentir confiança, uma vez que a mesma está passando por experiências novas, com dificuldades de adaptação e que requer uma série de cuidados específicos no seu tratamento dentro do ambiente escolar, atualmente, remoto.

A abordagem deve ser feita com segurança, firmeza e deve estar sempre voltada para a segurança da criança, buscando seu bem-estar e sua continuidade no processo de aprendizagem.

A capacitação, preparação e apoio é a atitude mais adequada para os profissionais da educação/gestores visando à melhoria e ao bem-estar de todos os envolvidos neste momento tão difícil vivenciado pela humanidade. A busca de conhecimentos específicos com olhares direcionados ao tema perda/morte, colaborando na construção de canais de comunicação sobre o tema evidencia que este tema não esgota neste estudo, mas conscientiza sobre a necessidade de aprofundar pesquisas vislumbrando amenizar parte do sofrimento, encarando-o com naturalidade, mesmo diante no momento inusitado vivido pela humanidade. Neste mesmo sentido, estas reflexões voltadas para uma conscientização sobre a perda, morte, luto possam contribuir para que amenize sofrimento, resgate o equilíbrio vislumbrando que estejam mais fortalecidos e preparados para lidar e encarar com naturalidade este processo de enlutamento no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Elaine Gomes dos Reis; KOVACS, Maria Júlia. Morte de aluno: luto na escola. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 403-406, Aug. 2016. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572016000200403&lng=en&nrm=iso. Acesso em 19 mar. 2020.
- ARIÈS, Phillipe. **Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 1989.
- ARIÈS, Phillipe. **A História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- AQUINO, R, A, A. AGUIAR, A, A. VASCONCELOS, S, X, P. SANTOS, S, L. Falando de morte e da finitude no ambiente escolar: um estudo a luz do sentido da vida. **Psicologia. Ciência e Profissão**. 2014. Disponível em <http://www.scielo.com>. Acesso em 03 jun.2020.
- BASSO, L, A. WAINER, R. Luto e perdas repentinas: contribuições da terapia cognitivo comportamental. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**. 2011. Disponível em <http://www.scielo.com>. Acesso em 03 de jun. 2020.
- BNCC**. Projeto de vida: ser ou existir? Brasil. [S.][[2017?]]. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/200-projeto-de-vida-ser-ou-existirhighlight=WyJmYW1cdTAWZWRsaWEiLCJlc2NvbGEiXQ>. Acesso em: 29. set. 2019.
- BOWLBY, J. Perda: tristeza e depressão. In **Apego e perda** (Vol.3). São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CHIAVENATO, J. J. **A morte: uma abordagem sociocultural**. São Paulo: Moderna, 1998.
- FRANCO, M. H. P.; MAZORRA, L. (2007). Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. **Estud. psicol.** (Campinas), vol.24, no.4, out./dez
- FRONZA LP, QUINTANA AM, WEISSHEIMER TKS, Barbieri A. **O tema da morte na escola: possibilidades de reflexão**. Barbarói. 2015; (43):48-71.
- IBGE**. Taxa bruta de mortalidade por mil habitantes. Brasil. 2000 a 2015. Fonte: IBGE, Projeção da População do Brasil – 2013. Disponível em: <http://brasilemsintese.ibge.gov.br/>. Acesso em: 25. set. 2019.

KUBLER ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer** (Paulo Menezes, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. 2 ed. São Paulo/; Brasiliense, 1986.

PARKES, Colin Murray. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. (Tradução: Maria Helena Franco). 3 ed. São Paulo: Summus, 1998. (Novas buscas em psicoterapia, v.56).

SARTORI, Antonia Aparecida Kroll. **Luto na escola: uma realidade a ser enfrentada**. 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21827>. Acesso em: 15. jun. 2020.

SANTOS, M. S. R. **O sentido da perda na cidade**. João Pessoa, 2000. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/paraiwa/00-santos>. Acesso em: 15. jun. 2020.

VILAR, M. **Luto e morte: uma pequena revisão bibliográfica**. João Pessoa, 2000. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/caos/01-vilar.htm>-25. Acesso em: 16. jun. 2020.

WOTTRICH, S, H.; PEREIRA, L, L.; MOSTARDEIRO, V, M, P.; SOUZA, K, S, M. CAPAVERDE, S.; QUINTANA, A, M.; DIAS, A, C, G. **Educação para a morte na escola: aproximações sobre o tema em sala de aula**. 2009. Disponível em <http://www.scielo.com>. Acessado em 03 jun. 2020.

SOBRE A ORGANIZADORA

KARINA DE ARAÚJO DIAS - Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2001), com especialização em Psicopedagogia Institucional pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2003). Obteve seu Mestrado em Educação (2011), pela Universidade Federal de Santa Catarina, investigando os cursos de formação continuada, atrelados à temática da diversidade étnico-racial, e destinados aos docentes da educação básica. Buscou problematizar as implicações e o desdobramento das orientações curriculares e prescrições legais na constituição da formação continuada dos profissionais que integravam a Rede Municipal de Ensino do município de Florianópolis, bem como compreender as finalidades e os elementos teórico-metodológicos que normatizam sua oferta e a apreensão dos docentes sobre essa política de ação afirmativa. Concluiu o Doutorado em Educação, pela Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2017. Balizou, como horizonte contextual, a emergência de uma discursividade em torno da formação de professores configurada pela implementação de reformas educacionais que incidem sobre a formação docente a partir da década de 1990. A investigação integra o chamado campo dos estudos foucaultianos onde se objetivou identificar que sujeito professor é constituído por meio dos discursos que normatizam a política nacional de formação continuada de professores, a apreensão desse discurso em âmbito municipal e os elementos do governo de si que operam como táticas de agenciamento e resistência docente. A pesquisa demonstrou que a formação continuada é um dispositivo de poder que objetiva a constituição de um *Homo Discentis Manipulabilis*, um sujeito professor de novo tipo, que deve aprender continuamente e que urge ser dotado de um amplo conjunto de competências e habilidades em razão dos déficits e carências que lhe são atribuídos. Realizou seu Pós Doutorado (2017-2019) na Universidade Federal de Santa Catarina desenvolvendo uma pesquisa acerca da realização e da concessão do Prêmio “Professor Nota Dez” objetivando apreender de que modo se opera o discurso da renovação e da inovação por meio da oferta e da outorga do prêmio. Integra o Conselho Editorial de diversos periódicos e editoras dentre os quais, está a Editora Atena. É pesquisadora vinculada ao grupo “Patrimônio, Memória e Educação” (CNPQ) com especial interesse nos seguintes temas: formação de professores, formação continuada docente, estudos foucaultianos e subjetividade docente.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 18, 21, 26, 27, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 44, 47, 48, 52, 54, 57, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 90, 91, 93, 95, 97, 98, 103, 105, 106, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 122, 124, 126, 127, 128, 131, 132, 134, 139, 142, 148, 149, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 172, 180, 181, 182

Audiologia 134, 136, 137, 138, 139

Aulas remotas 45, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 115, 130, 164

C

Ciberformação docente 141, 143, 144, 145, 155

Comunidade escolar 3, 32, 35, 51, 90, 94, 96, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118

Covid 19 1, 122, 166, 174, 175, 176, 179, 182

D

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 7, 9, 11, 12, 13, 15, 16, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 34, 35, 50, 51, 53, 54, 55, 57, 58, 64, 65, 67, 81, 83, 88, 90, 93, 94, 98, 108, 111, 114, 118, 119, 123, 124, 128, 129, 131, 135, 138, 145, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 179, 180, 181

Desenvolvimento cognitivo da criança 156, 158, 160, 161

Diários de campo 74, 76, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88

Distanciamento social 1, 2, 11, 30, 55, 75, 91, 100, 102, 112, 123, 134, 136, 139, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 164, 167, 168, 180

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 62, 65, 67, 68, 70, 71, 73, 75, 76, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 180, 182, 183, 184, 185

Educação à distância 1, 10, 15, 16, 17, 24, 25, 26, 27, 31, 32, 33, 37, 47, 134, 140

Educação básica 2, 9, 10, 15, 17, 20, 31, 35, 46, 48, 50, 90, 97, 103, 111, 113, 114, 119, 120, 130, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 158, 159, 160, 163, 164, 167, 171, 185

Educação online 141, 142, 143, 144, 148, 149, 150, 151, 152

Educando autista 99, 100, 102, 105, 107

Ensino 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 129, 130, 131, 134, 135, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 181, 185

Ensino não presencial 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 40, 70

Ensino remoto 1, 30, 33, 35, 39, 44, 45, 46, 77, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 102, 103, 104, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 129, 130, 134, 135, 139, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163

Escola 1, 3, 4, 5, 6, 9, 11, 12, 13, 21, 23, 29, 32, 33, 35, 36, 38, 42, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 56, 62, 64, 66, 67, 73, 74, 76, 77, 82, 85, 87, 90, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 133, 144, 147, 149, 150, 151, 153, 160, 163, 165, 169, 172, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184

Espaço virtual coletivo 29, 31

Experiência 22, 30, 31, 34, 40, 49, 53, 54, 62, 70, 71, 100, 104, 105, 106, 114, 124, 134, 136, 147, 149

Extensão 53, 55, 61

F

Fonoaudiologia 134, 136, 137, 138

Formação de professores e educadores 62, 63

G

Gêneros de texto 74, 77, 78, 85, 86, 87, 88

Gestão 13, 34, 40, 65, 67, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 109, 113, 118, 152, 174, 175

I

Inclusão escolar 99, 102, 108, 109

L

Luto 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184

M

Mal-estar docente 111, 117, 119

Morte 126, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184

P

Palestras 37, 53, 57, 59, 60

Pandemia Covid-19 111

Participação escolar 90

Plataformas digitais 29, 34, 50, 92, 93, 131, 135, 152

Prática de ensino supervisionada 62, 64, 67, 69

Práticas pedagógicas 9, 29, 39, 40, 46, 64, 103, 108, 149, 167, 169, 172

Práxis pedagógica 141, 143, 145, 148, 154

Professores 2, 3, 4, 11, 12, 15, 17, 20, 25, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 128, 130, 136, 139, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 162, 167, 169, 172, 179, 180, 181, 185

Programa Escola Cuiabana 1

Projeto 5, 12, 19, 20, 36, 45, 48, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 75, 136, 137, 138, 139, 146, 149, 163, 165, 183

Psicanálise 99, 100, 101, 105, 107, 110

R

Recursos educativos digitais 62, 64, 65, 71, 72, 73

Recursos tecnológicos 3, 7, 12, 34, 65, 93, 102, 114, 115, 116, 142, 166, 170, 172

T

Tecnologias 2, 9, 10, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 26, 27, 28, 30, 31, 33, 34, 35, 40, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 65, 66, 67, 71, 89, 94, 95, 97, 98, 102, 112, 122, 123, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 170, 172

TIC 16, 20, 21, 25, 123, 124, 139, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Trabalho docente 111, 112, 113, 116, 117, 121, 172

U

Universidade 14, 15, 20, 41, 58, 61, 72, 74, 76, 90, 98, 99, 106, 108, 109, 111, 122, 124, 125, 130, 134, 141, 156, 158, 166, 167, 172, 174, 185

V

Vygotsky 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165

EDUCAÇÃO EM TEMPOS



DE PANDEMIA

E ISOLAMENTO:

PROPOSTAS E PRÁTICAS

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

EDUCAÇÃO EM TEMPOS



DE PANDEMIA

E ISOLAMENTO:

PROPOSTAS E PRÁTICAS

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 